

LITERATURA DE CORDEL  
Do sertão à sala de aula

Coleção LER+MAIS

1. *Poesia na escola – A vida tecida com arte*, Adriana Antunes
2. *Literatura de cordel – Do sertão à sala de aula*, Marco Haurélio

# LITERATURA DE CORDEL

*Do sertão à sala de aula*

MARCO HAURÉLIO



Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*  
Coordenação editorial: *Antonio Iraildo Alves de Brito*  
Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*  
Revisão: *Thiago Augusto Dias de Oliveira*  
*Caio Pereira*  
Diagramação: *Dirlene França Nobre da Silva*  
Capa: *Marcelo Campanhã*  
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Haurélio, Marco

Literatura de cordel: do sertão à sala de aula / Marco Haurélio. — São Paulo: Paulus, 2013.  
— (Coleção Ler+mais)

ISBN 978-85-349-3599-9

1. Cultura popular 2. Folclore 3. Literatura de cordel 4. Literatura de cordel - Brasil  
5. Literatura de cordel - Estudo e ensino I. Título. II. Série.

12-15650

CDD-398.20981

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil Literatura de cordel: Folclore 398.20981

1ª edição, 2013

© PAULUS – 2013

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)

Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700

www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3599-9

## DEDICATÓRIA

A José Paulo Ribeiro, pela leitura destes originais.

E a todos os poetas que fazem a literatura de cordel  
ser o que é.

## MEU ENCONTRO COM O CORDEL

Nasci num lugarejo chamado Ponta da Serra, município de Riacho de Santana, no sertão carrascoso da Bahia. Ao lado da casa de meu pai ficava a da minha avó, Luzia Josefina de Farias, uma das pessoas mais inteligentes que conheci, espécie de porta-voz de civilizações há muito defuntas. Não esqueci os velhos romances ibéricos cantados por ela nem as histórias de Trancoso, que, passados tantos anos, aos poucos, vou adaptando para o cordel. Um exemplo é *A História de Belisfronte, o filho do pescador*, publicada pela editora Luzeiro, que integra, também, o livro *Contos folclóricos brasileiros* (Paulus, 2010).

Lembro-me ainda de ouvi-la declamando a *História da princesa Rosa*, de Silvino Pirauá de Lima. Aprendi a ler com seis anos e, nas noites iluminadas por candeeiros movidos a querosene, buscava nas gavetas de Dona Luzia as histórias de cordel que tanto me auxiliaram na decifração do código escrito. Além de alguns folhetos publicados em tipografias baianas, de autoria de Minelvino Francisco Silva e Rodolfo Coelho Cavalcante, chamavam minha atenção os de formato maior, coloridos, como *João Soldado*, de Antônio Teodoro dos Santos, e *Dimas e Madalena*, de Manoel Pereira Sobrinho. Foi esse o meu primeiro contato com a editora Luzeiro, com seus cordéis com capas coloridas. Descobri, mais tarde, que esse formato havia sido execrado pelos puristas, justamente por fazer sucesso junto às classes ditas marginalizadas, das quais os sacerdotes da razão se julgam representantes.

*Juvenal e o dragão*, de Leandro Gomes de Barros, era a história mais atraente, pelo menos àquela época. Achava soberbo também *O verdadeiro romance do herói João de Calais*, de Severino Borges Silva. *O assassino da honra*

*ou a louca do jardim*, de Caetano Cosme Silva, era outro romance lido e relido por mim e pela família. Minha avó deixou este mundo em 1982, quando eu tinha sete anos e já morava em Igaporã. Nessa época já havia escrito alguns romances de cordel.

Aos treze anos pensei ter atingido a maturidade literária. Data dessa época, 1987, o cordel *O herói da Montanha Negra*, o qual, ousadamente, enviei para a Luzeiro. Duas semanas depois, a editora devolveu os originais, sob a alegação de que havia muitos títulos a serem lançados, já negociados com os autores. Na verdade, a minha história primava pela ousadia, fusão de linguagem de *HQ sword and sorcery* com mitologia grega de filme em *stop-motion* — e pelas situações incomuns, nunca vistas numa história de encantamento.

Uma amostra:

*Leia esta história, leitor,  
Até o último momento.  
Veja os fatos mitológicos  
Num mundo de encantamento,  
Onde a Magia é descrita  
Muito além do pensamento.*

*Onde guerreiros valentes,  
Destros e admiráveis  
Mostram valor enfrentando  
Criaturas miseráveis,  
Partindo em busca do amor  
E façanhas memoráveis.*

*Onde os gestos mais nobres  
Se confundem com a loucura,  
Em uma época imprecisa  
Passou-se esta aventura  
Que valoriza a coragem  
E enobrece a bravura.*

No final da década de 1990, fui a São Paulo, onde conheci o poeta popular cearense Costa Senna. Regressei à Bahia em 2000. Ingressei no curso de Letras da Universidade do Estado da Bahia, em Caetité, terra natal de Anísio Teixeira. Antes de terminar o curso, retornando a São Paulo, resolvi peregrinar pelos sebos dessa cidade em busca de livros que abordassem tanto a literatura de cordel quanto o conto popular, pensando em ampliar as referências bibliográficas para um mestrado, que terminou ficando em milésimo plano. Acabei esbarrando com a Editora Luzeiro, já dirigida por Gregório Nicoló. Conversa vai, conversa vem, ele acabou me convidando para trabalhar na revisão e seleção dos textos de cordel editados pela casa, atividade que desenvolvi por dois anos.

A experiência amalhada com a labuta no meio editorial e a leitura de milhares de folhetos são as razões deste livro que ora apresento. Ampliando algumas ideias do anterior, *Breve história da literatura de cordel* (Claridade), e propondo um olhar atual sobre a literatura popular, hoje inserida nas escolas, mais do que um estudioso, as minhas credenciais são as do poeta que, quando escreve, é fiel à escola tradicional, que tem em Leandro Gomes de Barros sua principal referência.

Acreditando na cultura popular como sinônimo de resistência, e no cordel como manifesto dessa cultura que não entrega os pontos, vou espargindo versos sobre o papel com o mesmo respeito e cuidado do agricultor que lança a semente e, com ela, a esperança, no ventre da terra.

*Marco Haurélio*